

O barco das ilusões

Josemar Dantas

Em nenhum momento de sua História contemporânea o Brasil experimentou maior estágio de desestruturação econômica quanto agora. Não é um fenômeno associado à conspiração de fatores aleatórios, urdida pelos insondáveis caprichos do acaso ou cerzida fortuitamente com o fio imprevisto de uma sinal maldrasta. É obra da imprudência dos homens e de um jogo abjeto de interesses, ambas as causas unidas pelo cordão umbilical da negligência no trato da coisa pública e de irreverente conduta perante as crônicas e graves carências do povo.

Quando por aqui aportou a nau dos descamisados, cuidou-se que trazia a bordo as sentinelas de um novo ideário político. O Brasil, até então, tinha sido o vasto canteiro das elites, e o governo a flor dionisíaca que asinebriava com os regalos dos mais escandalosos favorecimentos. Mas o barco não era outro senão o das ilusões. Apenas os tripulantes desembarcaram para o cumprimento de um ritual de conquista, como sempre ao seio de uma zorra turbulenta para enfeitiçar os circunstantes já cansados da mesmice. Depois, vieram a tomada e a posse do poder, tudo feito como dantes, isto é, pela apropriação do butim e sua distribuição entre os novos flibusteiros.

É essa repetição desalentadora dos maus costumes políticos que continua a desgraçar o Brasil. Pior. Aos erros do passado juntaram-se outros ainda mais graves. O aprofundamento da crise no sistema econômico deriva de concepções a princípio revolucionárias, como o confisco da propriedade privada, e, a seguir, mais ultrapassadas e velhacas do que todas as outras cultivadas no passado.

Não há um só vivente em São Raciocínio capaz de explicar como uma política de

escassez, quer dizer, que impede pela contenção da demanda níveis normais de produção, pode neutralizar estímulos inflacionários num país em regime crônico de oferta insuficiente. Só o estado patológico, também crônico, de alguns economistas oficiais e de outros interessados em aboletar-se nas confortáveis adjacências do poder é capaz de justificar semelhante demência.

Há inescapável envolvimento com a loucura nessa questão, seguramente com a participação lúcida dos eternos destinatários dos dividendos da desordem econômica. As teorias monetaristas do sr. Milton Friedman, tomadas como norte da atual política econômico-financeira, já foram testadas à exaustão no Brasil, desde os idos de 1964. Jamais, contudo, lograram qualquer êxito, antes retardaram o processo de desenvolvimento, desde que as aplicações de capital de risco dependem da existência de mercado interno em expansão.

Agora, vende-se ao povo, em cuja face se estampa a desolação, a idéia de que o Brasil está falido. Não está, é um embuste. Não há hoje nenhuma nação com potencial de riqueza superior ao deste país, nem mais apta a reciclar recursos públicos necessários às tarefas do desenvolvimento. Falta-lhe apenas o concurso de uma liderança política competente, moralmente autorizada a interromper a formidável drenagem dos dinheiros públicos pela corrupção, afeita aos desafios das limitações conjunturais e capaz de infundir confiança em todos os espaços ativos da sociedade nacional.

Não se compadece com tais virtudes o exercício de políticas depressivas, cujos resultados estão à vista de todos, nos números catastróficos do desemprego, do empobreecimento geral e da miserável situação de 65 milhões de brasileiros.